



Cultura em Revista: um Estudo de Caso da Aplauso¹

Giana Batista GUTERRES²

Cristiane Pinto PEREIRA³

Universidade da Região da Campanha, Bagé, Rio Grande do Sul

Resumo

O presente trabalho apresenta um estudo de caso da Revista Aplauso. A pesquisa tem como objeto as chamadas de capa das edições 91, 92, 93, 94 e 95, referentes aos meses de maio/junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2008, sendo realizada uma análise de conteúdo a partir dos conceitos de Laurence Bardin. O objetivo é analisar se, e como, o periódico gaúcho trabalha as características do Jornalismo Cultural e do Literário. No âmbito do Jornalismo Cultural, o estudo dedica-se aos formatos de gêneros jornalísticos e temáticas, sendo comuns matérias ligadas à literatura, além de predominância de reportagens; e quanto ao Jornalismo Literário, a análise se concentra na narrativa jornalística, sendo mais freqüente a reconstituição minuciosa e construção cena a cena.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Jornalismo Cultural; Jornalismo de Revista; Aplauso.

O mercado editorial é um reflexo das mudanças culturais contemporâneas, buscando através da segmentação por tema, assunto ou público, dar conta da crescente complexificação da sociedade. Esta divisão por assunto e tipo de público é o caráter das revistas, senão a própria essência deste veículo. Este seja talvez o meio de comunicação que mais tenha uma relação com seu público, consolidando uma identidade e a sensação de pertencer a determinado grupo.

A cultura é uma das áreas onde é mais notável esta influência. Não só nos jornais e nos cadernos segmentados sobre o tema, mas também nas revistas voltadas para esta esfera. Enquanto alguns veículos abordam a cultura de uma forma mais ampla, há revistas sobre música, literatura, cinema e de outras manifestações culturais. Ao mesmo tempo, muitos artistas não têm espaço na mídia e a falta de acesso à cultura ainda é grande.

Embora no Jornalismo Literário não seja notável esta segmentação, ele também é influenciado por características da contemporaneidade. As grandes reportagens, com textos mais apurados e trabalhados, valendo-se de técnicas narrativas originadas na Literatura, são deixadas de lado por textos mais curtos e meramente informativos.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação, 2º/2008 da Habilitação em Jornalismo da URCAMP, email: giana.guterres@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da URCAMP, email: cripereira@hotmail.com



Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é verificar como a Revista Aplauso trabalha as características do Jornalismo Cultural e do Jornalismo Literário, e especificamente, observar os temas abordados e os gêneros jornalísticos das matérias, bem como identificar as técnicas narrativas do Jornalismo Literário nos textos selecionados.

A Revista Aplauso

O objeto de estudo, a revista *Aplauso*, foi lançada em março de 1998, e é o principal meio de comunicação cultural do Rio Grande do Sul e está entre um dos principais de todo o país. Foi criada pela Plural Comunicação, que também editava a conhecida revista *Amanhã*. Seu surgimento foi impulsionado com a Lei Estadual de Incentivo à Cultura (Lei nº 10.846 de 08/1996), criada durante o governo Antônio Britto (PMDB), e pela lei federal, a Lei Rouanet (nº 8.313/91, de 12/1991), que já tinha um cenário propício a uma publicação cultural, do ponto de vista econômico.

Jornalismo Cultural

Gomes (2005, p.08) conceitua Jornalismo Cultural como “o ramo do jornalismo que tem por missão informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade”. Compartilha o mesmo pensamento, sobre a função do segmento, o jornalista Piza (2003); entretanto ampliando-o,

Seu papel, como já foi dito, nunca foi apenas o de anunciar e comentar as obras lançadas nas sete artes, mas também refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma (PIZA, 2003, p. 57).

Ailton Cerqueira (apud Branco, Targino e Gomes, 2006) identifica características próprias ao texto no Jornalismo Cultural:

Do jornalismo cultural não se deve exigir verbos em títulos, limite de linhas nos parágrafos ou outros aspectos. Técnicas de redação jornalística, como a pirâmide invertida, não podem ser priorizadas no jornalismo cultural. Ressalto, entretanto, que, ao trabalhar com inventividade e com simplicidade, não se deve propor ao leitor um espetáculo gratuito de erudição, que inviabilize o entendimento do texto (CERQUEIRA apud BRANCO, TARGINO e GOMES, 2006, p.11).

Humberto Werneck (2007) realça a criatividade na cobertura e nos textos culturais dizendo que,

Os jornalistas podem, *devem* usar a imaginação. Por exemplo, incorporar aspectos de comportamento ao mundo do jornalismo cultural, enriquecendo-o. Dar vida, colorido, consistência física a personagens que tantas vezes são tratados na imprensa como se fossem apenas emanções de



aspas. Até parece que não se vestem deste ou daquele jeito, que não moram numa casa que tem isso e aquilo etc. O jornalismo só tem a ganhar quando o repórter consegue encaixar o personagem numa moldura adequada, viva, capaz de iluminá-lo. (WERNECK, 2007, p.70).

Angélica de Moraes (2007) considera que a crítica deve contribuir para a construção do conhecimento crítico do leitor em relação aos fatos que lhes são apresentados.

A crítica de arte, no meu ponto de vista, deve ser um exercício do conhecimento. Um conhecimento apreendido no contato com o artista e sua obra e multiplicado na interface com o público do veículo de comunicação para o qual trabalhamos. Na parte que me toca nesse conjunto – a crítica de artes visuais-, penso que a crítica só justifica sua existência se contribui para a alfabetização visual do público. Só é válida se é exercida para esclarecer as intenções e os objetivos poéticos da obra e não como mero pretexto para ilustrar o próprio ego ou garantir o emprego (MORAES, 2007, p. 94).

Piza (2003) afirma três males ao jornalismo de cultura hodierno: a submissão ao cronograma de eventos, que ocasiona no domínio de nomes já bem-sucedidos; o tamanho e a qualidade dos textos, que em muito se assemelham aos press-releases; e a marginalização da crítica, com comentários mal fundamentados, baseados em palpites.

Werneck (2007) especifica que a maioria dos veículos culturais passou a reservar grande parte de seu espaço para as correntes principais da produção cultural, o que não oferece ao leitor uma abordagem realmente cultural.

Cremilda Medina (2007) enfatiza que o jornalismo de serviço é fundamental, que no caso do Jornalismo Cultural pode ser citado o cronograma de eventos; mas sempre ouve a necessidade da voz individual e de opinião. Assim, não só é grande o valor da reportagem que oferece polifonia e polissemia, como a presença da crítica. Sobre as fontes oficiais, ou seja, os nomes já bem sucedidos no meio cultural, a jornalista segue a mesma opinião de Piza (2003).

Szantó (2007) apresenta dois modelos praticados nos dias de hoje no Jornalismo Cultural: o “tradicional”, onde a idéia predominante é a de que os editores decidem o que é importante de ser publicado, e mesmo quando o leitor não compreende tudo o que se vê e ouve, os críticos explicam o porquê de determinado produto cultural ser relevante; e o “modelo de serviço”, onde o editor não possui todo o conhecimento, oferece todas as informações para o leitor tomar uma decisão, fazer a sua escolha de programação.

Maurício Stycer (2007) relaciona seis problemas para a problemática da cobertura cultural na atualidade. São eles:

- Excesso de espaço: A imprensa brasileira é a que mais reserva espaço para a cultura;



- Excesso de ofertas da chamada indústria cultural: Relacionado ao primeiro item, faz com que o jornalista cultural tenha uma dificuldade e uma tarefa enorme para lidar com o volume de informação e selecioná-lo;
- Contaminação do jornalismo pela publicidade: a informação deixa de ser o foco, e o leitor, simplesmente é convidado a comprar uma idéia;
- A falta de cobertura do incentivo à cultura: onde é rejeitada a questão de patrocínio e às leis de incentivo à cultura, assuntos que fazem parte da vida da produção cultural;
- Jornalismo de celebridades: a cobertura cultural privilegia a vida em detrimento da obra. Stycer (2007, p. 73) afirma que “não dá para discutir cultura se a vida do artista é mais importante que a obra que ele produziu”;
- E a grande influência de terceiros nas pautas: para o autor seriam os assessores de imprensa, as pessoas que assessoram os artistas e as empresas produtoras de cultura.

Jornalismo Literário

Criado com o objetivo de se opor à objetividade jornalística, o Jornalismo Literário é hoje difundido também como New Journalism, Novo Jornalismo, Creative Nonfiction, Literatura Criativa de Não-Ficção, Literatura da Realidade, ou ainda, Narrativa da Vida Real. Segundo a Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL),

Jornalismo Literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da ou inspirados pela literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização (Site da ABJL).

Neste estilo o que deve predominar é a pessoa, o ser humano, a vida que há por trás em cada notícia, assim como o repórter deve ter a sensibilidade aguçada para perceber o ambiente ao seu redor.

O New Journalism aderiu, na época, às mudanças na forma de ‘perceber, sentir e pensar’ o mundo, na plena efervescência dos movimentos da contracultura. Os jornalistas tentavam então viver o ambiente de seus personagens (VILAS BOAS, 1996, p.90).

Segundo Wolfe (2005), são quatro os recursos utilizados para aprofundar um texto jornalístico literariamente. O brasileiro Vilas Boas (2002) segue a mesma linha teórica. Ele conceitua os recursos como:

- Construção cena a cena, quando a narrativa do fato é detalhada à medida que este se desenvolve, onde rompe com os esquemas tradicionais e os blocos de cenas são justapostos semelhantemente a uma projeção cinematográfica;



- Diálogos, com a transcrição completa, que tanto podem ser entre fonte e jornalista ou do entrevistado com as pessoas ao seu redor. O diálogo realista é o que envolve o leitor mais completamente do que qualquer recurso de estilo;
- Alternância de foco narrativo, com as cenas e sensações apresentadas do ponto de vista de um personagem particular. Com este recurso, é possível descrever em detalhes, conduzindo o leitor a compreender por que as descrições em determinado momento da narrativa são importantes;
- E reconstituição minuciosa, reconstrução de todos os detalhes possíveis do ambiente em que se passa a cena.

Lima (2008) também caracteriza o Jornalismo Literário com princípios integrados, uma contribuição mútua que dá consistência à modalidade com um todo. Ele adiciona itens como,

- Exatidão e precisão - o modo como se atende quesito é muito mais criativo que no jornalismo cotidiano;
- Potencialização da sua função quando a reportagem conta uma história;
- Humanização das pautas, a marca distinta do ramo, colocando-se pessoas como eixo da narrativa;
- Universalização temática, onde nas histórias contadas o autor busca temas subjacentes que sirvam como ponto de identificação em comum ao leitor;
- Estilo próprio e voz autoral, que são elementos essenciais que fazem com que a singularidade individual do jornalista transmita um toque de exclusividade;
- Imersão do repórter, servindo ao objetivo de investigar os padrões de comportamento das personagens;
- Emprego do simbolismo, com metáforas, que ajudam a fortalecer a imagem e o sentido de um acontecimento;
- E criatividade para a construção da narrativa, o que não quer dizer que não haja um compromisso com a realidade, pois a credibilidade é vital ao Jornalismo.

Sodré e Ferrari (1986) descrevem ainda, algumas maneiras de abrir a matéria, como uma alternativa para interessar ao leitor. Os autores recomendam sair da convencional abertura informativa, buscando se aproximar de um estilo mais literário.

Pena (2006) completa, dizendo que no texto de jornalismo literário é possível abusar das interjeições, itálicos e sucessão de pontuações. Lima (2008), com



pensamento semelhante, afirma que as expressões não podem ser afins ao jornalismo convencional.

Em jornalismo literário que se preze, abominam-se expressões corriqueiras no jornalismo convencional, expressões por trás das quais se escudam os autores, tímidos, a auto-estima baixa, o inconsciente complexo de inferioridade escorado em cacoeetes como “segundo o doutor Xinóbio Astri Brizão, do laboratório Mentzi de Reprodução Humana...” ou “... questionado pela reportagem, fulano de tal, 39, disse que...” (LIMA, 2008, p. 369).

Análise

A análise de conteúdo do presente trabalho é baseada em Laurence Bardin (2004), que propõe categorias para tal fim. Sendo assim, foram classificadas as matérias primeiramente por gêneros, em segunda instância por temáticas culturais, e por fim, de acordo com as quatro características básicas do Jornalismo Literário.

A análise geral mostra o resultado quantitativo do estudo das cinco edições da *Aplauso*. Primeiramente uma amostragem quanto aos gêneros jornalísticos mais freqüentes, seguida pelo estudo de temáticas culturais e encerrando com a análise das características jornalístico-literárias nos textos da revista.

Gêneros

Os gêneros jornalísticos relatados nas cinco publicações são: reportagem, perfil, crítica e entrevista. Os mesmos seguem assim distribuídos: Ed. 91: Perfil (1); Ed. 92: Perfil (1), Entrevista (1), Reportagem (1); Ed. 93: Perfil (2), Crítica (1); Ed. 94: Reportagem (2), Crítica (1); Ed. 95: Reportagem (2), Crítica (1).

A predominância de reportagens, com total de 38%, na qual se inclui o subgênero perfil, indica um fator positivo quanto ao Jornalismo Cultural da *Aplauso*, conforme Szantó (2007), que aponta esta tendência.

Temática

A categorização por temáticas culturais se dividiu em: História em Quadrinhos (6%), Incentivo à Cultura (13%), Cinema (6%), Literatura (18%), Sociologia (6%), Música (13%), Arte (6%), Entretenimento (6%), História (13%) e Arquitetura (13%). Em alguns casos em particular, a mesma matéria abrangeu duas categorias. As mesmas foram distribuídas por edição, resultando em: Ed. 91: Música (1); Ed. 92: Arquitetura (1), Arte (1), Sociologia (1), História (1) e Música (1); Ed. 93: História (1), Arquitetura



(1), Entretenimento (1) e Literatura (1); Ed. 94: História em Quadrinhos (1), Incentivo à cultura (1) e Cinema (1); Ed. 95: Literatura (2) e Incentivo à Cultura (1).

Características jornalístico-literárias

A categorização de acordo com as características jornalístico-literárias se deu da divisão em quatro categorias: Construção cena a cena (33%), Alternância do foco narrativo (ponto de vista da terceira pessoa) (17%), Reconstituição Minuciosa (50%) e Diálogos. No entanto, não foi relatada nenhuma frequência de aparição da categoria diálogos, assim como, alguns textos não apresentaram nenhuma das quatro características anteriormente citadas.

É importante ressaltar que por a crítica e a entrevista não se constituírem em gêneros possíveis de se analisar, o estudo se deu com as reportagens e perfis. Estas matérias totalizam nove, distribuídas da seguinte forma: Ed. 91: Reconstituição Minuciosa (1) e Construção cena a cena (1); Ed. 92: Reconstituição Minuciosa (1), Alternância do foco narrativo (1) e Construção cena a cena (1); Ed. 93: Reconstituição Minuciosa (1); Ed. 94: Nenhuma frequência de aparição; Ed. 95: Construção cena a cena (1);

Análise Específica por Edição

Edição 91

A edição 91 é referente aos meses de maio e junho do ano de 2008.

“Ele era só um garoto diferente”

Este texto constitui-se em uma reportagem de perfil do artista Vinícius Marques, morto precocemente aos 16 anos, com produção artística principal composta de músicas.

Em relação à abordagem do Jornalismo Cultural escolhida para este estudo, a matéria ocupa cinco páginas da revista, do número 32 ao 37, o que não corresponde a afirmativa de Piza (2003), de que na modalidade o tamanho dos textos são ínfimos, como nos press-releases.

Contrariando a tendência atual, mostrada pelos autores Werneck (2007) e Medina (2007), a personagem em foco do texto é um artista desconhecido da mídia, ou seja, que está fora da corrente principal de produção cultural. Quanto ao jornalismo de

celebridades, proposto por Stycer (2007), esta tendência não pode ser verificada na reportagem cultural em questão, pois a vida não é privilegiada em detrimento da obra.

Conforme as quatro características básicas do Jornalismo Literário, no perfil não se encontra diálogos, apenas citações como no jornalismo convencional, nem alternância do foco narrativo. No entanto, apresenta traços de reconstituição minuciosa, na descrição das músicas e produção do cd, e ainda, no seguinte trecho:

Vinícius Marques transformou sozinho uma sala de computador em estúdio e fabricou, com *softwares*, uma banda que não possuía. O espaço onde passava a maior parte do tempo não tem mais de 10 metros quadrados. “Eu costumava dizer que aquela era a cadeira mais quente da casa”, recorda a psicóloga Ana Maria Gageiro, a mãe de Vinícius. Do outro lado do corredor está a porta do quarto, salpicada de adesivos, onde se lê uma inscrição em uma língua anda não decifrada pelos pais. Atrás dela, a cama, o armário e algumas prateleiras cedendo sob o peso dos CDs. Pela janela se enxerga uma rua qualquer da Zona Norte de Porto Alegre. A parede segura um pôster autografado da banda Mogwai, expoente da estética do pós-rock – gênero que funde instrumentação hipnótica com recursos eletrônicos em oposição à estrutura do rock tradicional. Ao invés de lençóis bagunçados, um pequeno memorial com cd, foto, violão e uma reportagem publicada sobre o garoto. Exceto isso, tudo permanece como foi deixado por ele no dia 26 de julho de 2006 (Revista Aplauso, Ed. 91, 2008, p.33).

Além disso, é identificada construção cena a cena, notável no trecho:

No colégio, ele tinha a simpatia de todos, segundo relata a colega Luana. De vez em quando, emergia do isolamento voluntário dos fones de ouvido e fazia piadas no meio da aula. Ganhou até um apelido: “Pipoca”. Entretanto, poucos eram seus amigos e ele raramente quebrava a rotina – que incluía colégio, academia, terapia, escola de música e casa – com outros programas. Não deixava ninguém se aproximar muito (Revista Aplauso, Ed. 91, 2008, p.33).

Sobre a abertura da reportagem, esta realça a história pessoal da personagem em foco:

Vinícius Marques era um adolescente tímido que preferia escutar um bom disco a gastar saliva em conversa fiada. E até os 16 anos ele deu um jeito de viver somente para a música ao criar um *alter ego* que circulava com desenvoltura por mundos virtuais, divulgando pela internet as canções que compunha no computador de casa. Sob o apelido de Yönlü, fazia sucesso na rede aproveitando como matéria prima a solidão do dia-a-dia. Mas em dado momento Vinícius se deu conta de que isso não bastava. Que viver de música não seria suficiente. Que ele precisava de amigos, precisava de um amor. (...) (Revista Aplauso, Ed. 91, 2008, p.33).

No entanto, em relação ao que Lima (2008) fala a respeito das expressões no jornalismo convencional e na modalidade do Jornalismo Literário, não se observa no texto analisado, pois na matéria estas são utilizadas, como: “*Eu fiquei desolada com a notícia da sua morte, embora o conhecesse apenas pela internet*”, diz a designer holandesa Tanja Niggendijker; “*No colégio, ele tinha a simpatia de todos, segundo relata a colega Luana*”, entre muitas outras ao longo na narrativa jornalística.



Por último, Wolfe (2005) fala sobre o envolvimento com a fonte, para a melhor elaboração da reportagem. No caso desta em específico pode-se perceber a relação da repórter Luiza Piffero no editorial da edição: *“Por semanas Yoñlu era tudo em que Luiza pensava, numa jornada que ela define como ‘incrível, mas emocionalmente desgastante’. O apoio entusiasmado de Luiz Marques foi essencial, relembra. ‘Durante e depois da apuração da reportagem, mantivemos contato a ponto de trocar e-mails diariamente’”*.

Edição 92

A edição 92 é referente ao mês de julho do ano de 2008.

“A geometria do silêncio”

Esta reportagem corresponde a um perfil da nova sede da Fundação Iberê Camargo, que segundo Kotscho (1995), este gênero pode abranger prédios, além de pessoas.

Tratando do Jornalismo Cultural, as caracterizações já começam com o título, conforme explana Cerqueira (*apud* Branco, Targino e Gomes), sobre a não utilização de verbos. Como no caso anterior, de que a extensão não se assemelha ao press-release (Piza, 2003), a reportagem ocupa as páginas 26 a 33.

Com relação ao Jornalismo Literário, assinala-se somente uma característica. São pequenos trechos de reconstituição minuciosa dos detalhes e dimensões do prédio no artigo em anexo de Carlos Eduardo Domas.

“É importante lembrar maio de 68”

O texto trata-se de uma entrevista com Edgar Morin sobre a importância histórica das barricadas de Paris. Mesmo o foco da reportagem sendo a presença do sociólogo em Porto Alegre, a revista não deixa de tratar de um tema estrangeiro. Esta questão é abordada por Piza, o qual diz que os veículos culturais brasileiros rejeitam temas culturais estrangeiros, não verificada nesta edição da revista Aplauso.

“Novíssima Bossa Nova”

É uma reportagem sobre as novas tendências do ritmo no ano em que a Bossa Nova completa 50 anos. Como é da natureza do texto da reportagem impressa, não apresenta lide e pirâmide invertida.



Em relação aos elementos que assinalam o Jornalismo Cultural, o título, assim como nos textos anteriores, não apresenta verbos. E ainda, mescla alternância do foco narrativo com construção cena a cena, indicadores básicos do Jornalismo Literário, valorizando a abertura com o realce da visão (Sodré e Ferrari, 1986).

Edição 93

A edição 93 é referente ao mês de agosto do ano de 2008.

Nesta edição aparece a primeira reportagem da série “Economia da Cultura”, chamada “A receita que vem da telona”. Sendo assim, não entra nos critérios de Stycer (2007) de que faltaria uma cobertura sobre o incentivo à cultura.

“Um sonho que se acaba”

Como nas demais reportagens, este perfil do Castelo de Pedras Altas não apresenta lide, mas sim uma abertura criativa. Novamente, uma matéria da Aplauso não corresponde aos textos caracterizados por Piza (2003), os press-releases.

Mesmo não tendo foco na personagem humana, como defende o Jornalismo Literário, o perfil apresenta trechos de reconstituição minuciosa e a percepção do repórter quanto ao ambiente. Quanto à abertura, mais literária que semelhante ao jornalismo convencional, esta realça a imaginação, conforme afirmam Sodré e Ferrari (1986).

De todo o vasto patrimônio que Joaquim Francisco de Assis Brasil legou à posteridade, a única parte intacta é a manteiga Jersey Granja Pedras Altas. Receita da Granja de Windsor, da rainha Vitória, de quem Assis Brasil havia comprado em pessoa o primeiro rebanho jersey do Brasil para instalar no interior de Bagé (onde hoje é o município de Pedras Altas), a receita da lendária soberana da Inglaterra ainda pode ser comprada a qualquer hora do dia por R\$ 3 o tablete no castelo que serve como sede de uma propriedade inusitada (Revista Aplauso, Ed. 93, 2008, p.31).

“A Rua da Margem”

Este texto de reportagem constitui-se em um perfil da Cidade Baixa, bairro de Porto Alegre, ponto histórico e atualmente, reduto do entretenimento noturno na capital. O título, como primeiro denominador do Jornalismo Cultural, não se utiliza de verbos. Porém, quanto aos quatro recursos principais do Jornalismo Literário não se encontra nenhuma evidência marcante.

“Fascinante, 100 anos depois”



Trata-se uma crítica literária sobre a influência do escritor Machado de Assis, ainda muito forte, mesmo após o centenário de sua morte. Como fala Gomes (2005), para oferecer uma maior visão sobre o escritor faz referências a diversas obras e consulta a várias fontes.

Edição 94

A edição 94 é referente ao mês de setembro do ano de 2008. Continua a sequência da série “Economia da Cultura”, com a matéria “Para gringo ver e ouvir”. Uma observação importante é que além desta sobre incentivo a cultura, na mesma publicação há outras duas: “O nó da LIC” e “Muda ou não muda?”. Dentre todas, é a que mais contraria a afirmativa de Stycer (2007) a respeito da não cobertura da temática, e quando sim, de modo superficial.

“Na trilha dos quadrinhos”

O presente texto é uma reportagem sobre a evolução da história em quadrinhos, como um gênero para adultos. Também não possui verbos nos títulos, entretanto diferentemente das outras, possui uma abertura mais informativa.

Quanto ao Jornalismo Cultural, quebra o paradigma de Piza (2003), pela sua extensão, da página 26 a 31. Em relação ao Jornalismo Literário, não é possível encontrar nenhuma das quatro características, por se tratar de um texto totalmente informativo, lembrando uma reportagem de jornal.

“Muda ou não muda?”

A reportagem aborda a saída de Gilberto Gil do Ministério da Cultura e alterações na Lei Rouanet. Já em relação à Stycer (2007), além de falar sobre uma lei de incentivo à cultura, o faz de maneira contextualizada, através de dados e uma entrevista com o novo ministro da Cultura, Juca Ferreira. De caráter puramente informativo, também não apresenta nenhum recurso literário.

“Macacos me mordam!”

Este texto constitui-se de uma crítica cinematográfica sobre o filme *Ainda Orangotangos*, de Gustavo Spolidoro. Como característico à crítica, como fala Gomes (2005), cita filmes anteriores com a mesma temática: a cidade de Porto Alegre. Cumpre a função do gênero, apontada por Moraes (2007) de que “só é válida se é exercida para



esclarecer as intenções e os objetivos poéticos da obra”. Comprova-se pelo fato de na edição 95, na seção Correio, o próprio diretor Spolidoro comentar: “Estou muito feliz, não só porque o filme aparece muito bem no texto, mas por ter lido algo criativo, inteligente e com um viés de abordagem que vai além de uma simples crítica”.

Edição 95

A edição 95 é referente ao mês de setembro do ano de 2008.

“A não-geração do século 21”

A reportagem aborda os novos escritores no cenário literário gaúcho. Os dois primeiros elementos da maioria das matérias continuam os mesmos: título sem verbos e extensão, da página 26 a 31.

Estes novos escritores não fazem parte da corrente principal de produção cultural, são novos artistas no mercado. Portanto, abre-se o caminho para o que Medina (2007) aborda sobre democracia nas tendências da arte brasileira, e sobre o que falam Piza (2003) e Werneck (2007). O jornalismo de celebridades de Stycer (2007) também não cabe nesta reportagem, pois a produção individual de cada escritor é o foco da abordagem.

Como característica do Jornalismo Literário apresenta construção cena a cena. Já a respeito do que Lima (2008) fala das expressões no jornalismo convencional e no Jornalismo Literário, não se aplica nesta reportagem. São utilizadas expressões como: *“Meu primeiro livro era uma verdadeira porcaria” diz com bom humor e sinceridade*”; *“Eu ainda estou fixado na idéia do livro, essa coisa do cheiro do papel, revela”* e *“Aqui é difícil penetrar no sistema porque ele prefere a segurança dos nomes de sempre, reflete a escritora”*.

“Um caminho para a cultura”

A reportagem aborda a temática das leis e do apoio e incentivo à cultura, totalizando duas na mesma edição. Como na caracterização do Jornalismo Cultural geral, seguem títulos sem verbos, e no ramo especializado, mais sofisticação.

“Inventário da Insegurança”

O texto é uma crítica literária sobre a biografia do escritor Caio Fernando Abreu. Diferentemente do que Gomes (2005) fala, não há menção a outras obras e nem a declarações de fontes.

Conclusão

A análise da cobertura cultural já é uma tarefa árdua, em razão da falta de referências bibliográficas sobre o Jornalismo Cultural. Já o Jornalismo Literário ainda é quase inutilizado na imprensa brasileira, sendo mais constatados livros-reportagem. Entretanto, foi possível levantar algumas considerações sobre as duas modalidades jornalísticas, com as quais se acredita ter alcançado os objetivos inicialmente propostos nesta pesquisa.

Uma das considerações mais relevantes é o fato do veículo revista e do Jornalismo Cultural incorporarem à sua estrutura textual técnicas originadas na Literatura, onde foram relatados alguns casos das quatro características analisadas. Mesmo sendo mínima a frequência de aparição, a influência do Jornalismo Literário foi comprovada, o que não aconteceria de ser influenciado pelas características do Jornalismo Cultural.

A relação entre as duas modalidades já começa na sua origem, onde ambas tiveram como pontos referenciais o meio revista, assim como a revista desde seu princípio teve relação com o conteúdo cultural e literário. Uma semelhança averiguada entre o Jornalismo Literário e o Jornalismo Cultural é a busca das pautas. No primeiro, histórias humanizadas desconhecidas do público, e no segundo, artistas e assuntos que englobam a temática cultural e que estão fora da mídia. E ainda, o rompimento da estrutura do *lead*, negada pelo primeiro e não recomendada no segundo, isto é, ambas procuram uma abertura mais criativa.

Já quanto à função do Jornalismo Cultural, de informar sobre a cultura, esta é cumprida pela revista *Aplauso*. Mas cabe uma observação, talvez pelo sentido amplo que a palavra cultura pode ser entendida. O foco da revista é a cultura erudita, deixando de fora muitas outras temáticas. Quanto aos gêneros jornalísticos, a tendência de qualificação jornalística, com predominância de conteúdo informativo ao opinativo, foi constatada na revista analisada. Além disso, outra tendência confirmada foi o espaço mínimo reservado às críticas na sua estrutura.

Algumas caracterizações deste tipo de jornalismo também puderam ser notadas, por exemplo, grande parte dos títulos sem verbos e ausência das técnicas do



lide e da pirâmide invertida. Quanto às deficiências apontadas, foi verificado que os tamanhos dos textos não se assemelham aos textos de assessoria de imprensa. Também foi verificada a rejeição a temas culturais estrangeiros, e por ser uma revista local, também a temas culturais brasileiros. Em relação à falta de abordagem do incentivo à cultura, não se confirmou no objeto de estudo, onde vários casos foram relatados, algumas vezes mais de um na mesma edição.

Tratando-se do Jornalismo Literário, as características encontradas na revista *Aplauso*, foram mínimas, se destacando a reportagem "Ele era só um garoto diferente", tratada de forma humanizada e trabalhada literariamente, além da imersão da repórter Luiza Piffero. Uma observação de grande valia é a ausência de diálogos nas matérias selecionadas, recurso apontado como o que mais atrai o leitor.

Assim, conclui-se que este trabalho, apesar de não apontar forte influência jornalístico-literária nas reportagens, comprovou que há sim alguma influência, reafirmando o crescimento e o uso das técnicas nos últimos anos. Assim como se confirmou que a revista *Aplauso* segue as tendências contemporâneas do Jornalismo Cultural, e no seu conteúdo, as pautas são de manifestações culturais gaúchas, como a própria revista se auto-intitula.

REFERÊNCIAS

ABJL. Site desenvolvido pela equipe da Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Disponível em <www.abjl.org.br>. Acesso em 05 out. de 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRANCO, Samantha Castelo; TARGINO, Maria das Graças e GOMES, Alisson Dias. **Jornalismo Cultural: realidade ou idealização?** In: Anais do Intercom, Brasília, 2006.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

GOMES, Fábio. **Jornalismo Cultural**. Porto Alegre: Brasileirinho Produções, 2005. Disponível em <<http://www.jornalismocultural.com.br>>. Acesso em 10 nov. de 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Leitura Crítica**. In: Lindoso (org), Rumos do Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

_____. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MORAES, Angélica de. **Sensibilidade crítica**. In: Lindoso (org), Rumos do Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.



PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

STYCER, Maurício. **Seis problemas**. In: Lindoso (org), Rumos do Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

SZANTÓ, András. **Um quadro ambíguo**. In: Lindoso (org), Rumos do Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e Biógrafos – Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis – e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WERNECK, Humberto. **A ditadura do best-seller**. In: Lindoso (org), Rumos do Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.